

A inconclusão do Progresso e a mistura da Ordem

Notas sobre Gilberto Freyre e o Positivismo no Brasil do século XIX¹

Luiz Felipe Baêta Neves*

RESUMO

O artigo é uma análise de *Ordem e Progresso* que integra a trilogia clássica de Gilberto Freyre juntamente com *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Observam-se a teoria do tempo social do Autor, sua noção de identidade cultural, a articulação que propõe entre grandes recortes e a vida quotidiana. Finalmente, aponta-se para a importância do positivismo na passagem da Monarquia para a República no Brasil.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; positivismo; teoria antropológica.

SUMMARY

The article is an analysis of *Ordem e Progresso*, which is part of Gilberto Freyre's classic trilogy together with *Casa Grande & Senzala* and *Sobrados e Mucambos*. The Author's theory of social time, his notion of cultural identity, the articulation proposed by him between big events and daily life are remarked. Finally, it is pointed out the importance of positivism in the process of transition between Monarchy and Republic in Brazil.

Keywords: Gilberto Freyre; positivism; anthropologic theory.

RESUMEN

El artículo es un análisis de Orden y Progreso que integra la trilogía clásica de Gilberto Freyre juntamente con *Casa Grande & Senzala* y *Sobrados y Mucambos*. Se observa la teoría del tiempo social del Autor, su noción de identidad cultural, la articulación que propone entre grandes recortes y la vida cotidiana. Finalmente, se apunta para la importancia del positivismo en la transición de la Monarquía a la República en Brasil.

Palabras-clave: Gilberto Freyre; positivismo; teoría antropológica.

“É evidente que vários discípulos de Comte participaram da Revolução republicana no Brasil, não sob a cor dos radicais absolutos mas como revolucionários animados (...) de espírito autoritário (...).”

Gilberto Freyre

A primeira edição de *Ordem e Progresso*² de Gilberto Freyre data de 1959. Se ela se distancia, no tempo, de outros clássicos do mesmo Autor, seu próprio título pode ser visto como emblemático de características fundamentais de tantos trabalhos de Freyre.

Na verdade, aí se dispõem *concomitâncias* – não necessariamente seqüências – *temporais* que se relacionam de forma mais ou menos estrita e que fazem da teoria freyreana do tempo algo complexo e de construção intelectual sofisticada. Se há uma proposição de evolução social e cultural, esta não tem como decorrência obrigatória uma superação de momentos anteriores. O que se propõe ao estudo da história é a tarefa de estabelecer os múltiplos modos pelos quais podem ser desenhados “tipos” ou “períodos” e, ao mesmo tempo, perceber a precariedade de sua existência (de “tipos” ou “períodos”). Precariedade que advém do caráter impiedosamente relacional de tais recortes, ou seja, eles não têm uma vida autárquica; dependem – para viver – de se nutrir de outros tipos ou de outros períodos.

Assim, sua identidade nunca se baseia em uma essência ou funda-

ção, ela se expressa por uma permanente inter-remissão temporal. Tal inter-remissão – fazendo jogar momentos históricos vistos analiticamente como distintos – faz com que não se possa pensar com facilidade na idéia de que a história caminha pela eliminação de estágios julgados obsoletos e prejudiciais a uma suposta “flecha do tempo” de teleologia considerada “certa”.

Esta consideração pelo passado como integrante do presente e do futuro não é, necessariamente, uma atitude reacionária que fizesse uma apologia do passado como momento hiperidealizado de perfeição social – ou divina. Penso que esta consideração – e digo consideração, não aprovação – do passado evita que julgemos autoritariamente ideologias, povos, raças, religiões e tradições que não nos agradam.

Muitos exercícios de poder nascem – e os brasileiros de hoje bem o sabem – das ideologias (que dizem não gostar deste nome) do Progresso como meta irretorquível da felicidade humana. Por consequência, tudo o que não faz parte desta Ideologia do Progresso – ou desta Mitologia do Mercado Global, no caso – deveria ser eliminado em nome da Razão Triunfante.

Gilberto, então, nos faz compreender o tempo como uma conjugação de diferenças cujas regras de manifestação deverão ser observadas também de perto, caso a caso.

Há, em *Ordem e Progresso*, esta convivência, de grandes recortes histórico-conceituais e de uma miríade de exemplos, digamos lo-

cais, daquilo que se manifestaria no âmbito de cada um desses grandes recortes. O trabalho de Gilberto Freyre, aqui e além, é uma singular tensão entre conceitos de grande generalidade e uma agitada, animada população de fatos e ilustrações que ajudariam, não só a colorir o discurso ou a comentar suas proposições, mas, também, teriam o efeito de neutralizar as inclinações imperiais dos macroconceitos.

Estes, por sua vez, inibiram uma tendência à indeterminação dos fatos e ilustrações e sua inclinação a servirem aos senhores do empiricismo e da reificação. Há, portanto, uma tensão que articula *flashes* instantâneos, e durações, frequentemente longas.

Assim, vemos que os macroconceitos se referem, se remetem, a outros e, também, a microconceitos, que seriam apresentados como o inumerável elenco dos atores singulares e da interminável seqüência de *cenas* dos fenômenos históricos.

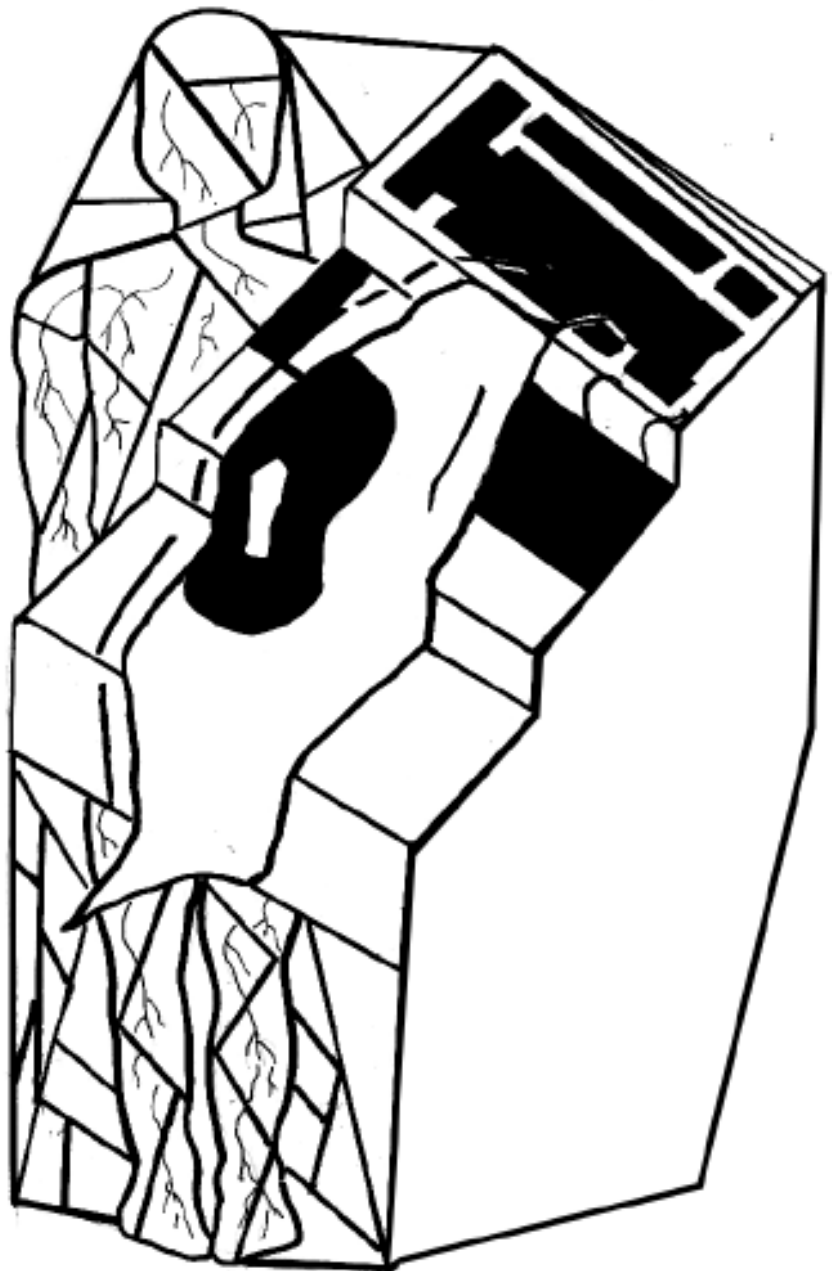
A relação entre macroconceitos e microconceitos não deve ser vista como uma relação de dependência, digamos, entre um plano de determinada generalidade e outro. Os microconceitos – fatos, ilustrações, exemplos – não são a expressão simples de macroconceitos; não têm suas características nem suas propriedades. Não são as “partes de uma totalidade” que contivessem, em ponto menor, aquilo que a totalidade conteria. Os macroconceitos, por sua vez, não são o resultado de uma soma – ou de uma média – de uma dispersão de supostos eventos ou coisas empíricas de que seriam a manifestação conceitual.

Muitas vezes, de algum tempo a esta parte, tem-se falado de um Gilberto Freyre precursor dos estudos concernentes ao cotidiano – ou, pelo menos, como um de seus primeiros artifices. É pertinente que ele seja assim considerado desde que se mantenha a *articulação* deste cotidiano com os amplos quadros conceituais que concebia e que se aplicavam a extensões temporais vastas.

E mais que isto: é preciso focalizar o cotidiano da própria obra do grande ensaísta. Chamo, figura-

damente, de *quotidiano da obra* – em *Ordem e Progresso* como em outros livros – o esforço de seu Autor por situar a obra em sua circunstância histórico-teórica. Ou, mais precisamente, penso na aplicação de Gilberto Freyre em estabelecer ligações de suas análises com outras produzidas por outros Autores ou por outras linhagens teóricas.

Gilberto – em muitas introduções, prefácios, notas – ou no miolo mesmo de seu texto procura *se situar* fazendo alianças ou lançando ataques a adversários. As alianças visariam claramente um apoio a suas proposições – apoio oriundo daqueles que considerava expoentes intelectuais – ou institucionais – e que viriam, senão a legitimar,



ao menos a reforçar uma posição tão ameaçada quanto valorosa. É neste *campo beligerante* que se vê, com clareza, uma espécie de afastamento apaixonado de um Autor por sua obra. Gilberto fala de seu trabalho como um analista tão exterior quanto enamorado.

Procura estabelecer um espaço para si que considera em perigo. Perigo que, com freqüência, tem a curiosa conotação do desconhecimento que se abateria sobre o limitado mundo de muitos de seus colegas brasileiros quanto às preocupações teóricas de Gilberto. O mundo exterior – e alguns brasileiros de talento – teria correlatos à produção de Freyre e, mesmo, saberia reconhecer e elogiar seu empenho inovador.

Esta relação com um aspecto da *materialidade do discurso* – dos aspectos políticos, intelectuais e institucionais que condicionam a ventura ou fracasso de sua intervenção no mundo – também pode ser vista no esforço de sedução que procuraria alcançar o leitor. Há um esforço teórico-prático de fazer do que é apresentado aos leitores – à sociedade – como algo especialmente relevante e *pouco* (ou nada) conhecido ou reconhecido. Trata-se de uma atitude retórica no sentido de que se propõe o discurso como trabalho que não se encerra em sua dimensão estritamente analítica; requer uma atividade de persuasão e convencimento que procuraria aliados em diferentes auditórios. Gilberto busca, então, uma *pragmática da leitura*, uma construção intelectual da ação, que faria de sua produção algo animado pela intenção de ser conhecida e de ser operante.

Quanto ao aspecto sedutório do discurso freyreano, muito ainda pode ser investigado. Quanto a *Ordem e Progresso*, parece haver muito de sedutor não só no conjunto do texto, em seu estilo geral, mas em momentos que podem ser delimitados. Penso, em especial, nos extensos parágrafos que dedica à exemplificação histórica de suas proposições. São encantadoras – ou melhor, encantatórias – as listas de hábitos, móveis, objetos, comportamentos, atitudes etc. que são apresentadas ao leitor de forma tão

erudita quanto ligeira em sua enumeração galopante – cortada por vírgulas que acicatham sua velocidade. Este enunciado de caráter aparentemente apenas descritivo escapa do anedótico por sua *articulação tensa*, como dissemos há pouco, com as propostas macroconceituais e por uma demarcação, uma distância que guarda da narrativa.

É sempre bom se ter em conta que Gilberto Freyre, apesar de sua pluralidade e polivalência, não é Autor que possa, impunemente, ser visto como um defensor da multiplicidade como sinônimo de dispersão absoluta. Isto é, sempre é bom lembrar que uma de suas ambições conceituais centrais é a de estabelecer sínteses, permanências, constantes, situações ou figuras típicas. Parece inútil tentar encurralar seu percurso, quer empurrando-o para o beco sem saída da mera crônica de costumes, quer lançando-o aos despenhadeiros da “teoria geral da essência do Homem Brasileiro”.

Contra estes perigos podemos invocar a própria letra freyreana e, a ela, procurar infundir uma interpretação. Lembro de tantos dos títulos de seus livros que contêm o signo mesmo da articulação e da relativização na palavra *e*. Outros analistas já o apontaram, como Roberto DaMatta e Raul Lody. Minha modesta proposta seria a de imaginar que se acrescentasse um outro *e* a esta análise; teríamos, então, “*Casa-Grande e Senzala e...*”. Guardaríamos, desse modo, duas linhas-de-força da obra em questão: a *marca relacional* e o *aspecto inconclusivo*.

Nada em Freyre é conclusivo; mesmo quando “conclui” por alguma posição, ele próprio imediatamente – ou em outro momento – acaba por olhar tal conclusão de viés, de forma parcial ou relativizadora – ou, até mesmo, acaba por negá-la. Assim, não acredito epistemologicamente possível imaginar um oxímoro que faria de algo relacional – *Ordem e Progresso* – como fechado em si, definitivo, completo, acabado.

Este novo *e* abre a dimensão temporal – ou melhor, mantém aberta a dimensão temporal – para que seja possível, por exemplo, sua operação

de fecundação com outros tempos (passados ou futuros). Além de permitir, igualmente, sua interação com novos espaços sociais relacionais.

* * *

Para o imaginário social do *e* freyreano, os períodos de transição social são privilegiados. São quase uma decorrência espontânea do lugar central atribuído à coexistência, permanentemente relançada, ativa, de passado, presente e futuro. Em um certo sentido, todos os momentos históricos poderiam ser teoricamente constituídos como *transicionais*, visto que todos têm – ou podem ter – elementos temporalmente díspares. A contemporaneidade de um momento histórico dado não seria, jamais, transparente, composta de *uma* exclusiva temporalidade.

O trabalho do analista social não é o de reconhecer uma homogeneidade; é aquele de construir conceitualmente a articulação singular de diferenças. Existiria, então, para nosso Autor, uma miscelânea permanente de conteúdos, formas e ritmos temporais, uma mistura de andamentos, uma miscigenação de cenas e durações.

Esse caráter transicional aponta para uma “instabilidade-em-equilíbrio” que dificulta a imposição de fronteiras rígidas ou de aduanas excessivas. A possibilidade de viagem, de troca, de *transação* fica, por seu turno, facilitada. Basta lembrar o subtítulo de *Ordem e Progresso* que é não menos que: “*Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre; aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República*”.

Observando brevemente a escolha de Gilberto, o que salta aos olhos, de início, é a relação de *contraste* entre título e subtítulo. Enquanto o primeiro é sucinto, três palavras com dois substantivos articulados por um *e*, o segundo, o subtítulo, é longo, desdobrado, numeroso em suas trinta e sete palavras. Enquanto o título é curto, sintético em sua alta significação simbólica produzida pela coincidência

com a determinação escrita na bandeira nacional brasileira, fruto da República, o subtítulo é vincado não pela modernidade, mas pela pátina do tempo; lembra antigos títulos de livros que pareciam, tais títulos, intermináveis, descritivos, informativos sobre o que se apresentaria a seguir, folheada a capa. O que se verifica, pois, é um contraste, uma constituição gráfica, cuja materialidade mesma é a do ponto-e-contraponto, tão distantes quanto articuláveis.

Vários outros aspectos mereciam destaque neste pequeno truque freyreano, neste atraente jogo de conjuntos de palavras tão aparentemente casual e desinteressado quanto expressivo de sua paixão pela ourivesaria do estilo. Para mencionar apenas um ponto, escolhemos a palavra *quase* em "(...) *um quase meio século de transição* (...)". O que *quase* de imediato se poderia dizer seria quanto à patente imprecisão do termo que, justamente, trata de alguma coisa imaginada precisa – os números, a quantidade bem delimitada de um século. Ora, o subtítulo sequer diz de que século se tratará (ou de quais séculos, se a análise contemplar partes de dois séculos...), o que já é uma espécie de repto, de provocação aos que, bons historiadores que se pretendem ser, têm como prova de sua precisão, de sua umbilical relação com os fatos empíricos, de sua honestidade profissional.

Gilberto Freyre manifesta, no corpo do livro, distância em relação a métodos quantitativos, julgados por ele, entre outras coisas, como superados. Mas tal senilidade das limitadas práticas quantitativas se alia à imprecisão dos números históricos na construção de algo necessário e permanentemente inacabado.

Esta construção inacabada para sempre não é a figura de um fracasso; é a afirmação da impossibilidade – e/ou do desinteresse – de o analista social ser um preciso engenheiro da vida humana. A sociedade não é o lugar da exatidão – e não é, tampouco, o lugar da unidade. A sociedade é, sobretudo, plural, excessiva em seus relançamentos de ações (e estagnações) e em sua virtualidade. Virtualidade que evita o fechamento absolu-

to e a conclusão definitiva dos edifícios históricos.

* * *

Gilberto Freyre atribui, em *Ordem e Progresso*, especial importância ao positivismo no período que observa da história brasileira. A análise do ideário e da ação positivistas permite compreensão bastante rica daquele momento – e de tantos outros... – de nossa sociedade, mas, além disso, suscita curioso confronto do imaginário do comtismo nacional e o do imaginário freyreano. Vamos, de modo incipiente, propor alguns itens que merecem desdobramento futuro.

Assim, o tema da *transição*, da *passagem* de uma determinada configuração histórico-cultural, tem no positivismo, para Gilberto Freyre, uma solução engenhosa: "Aos Positivistas é evidente que a substância monárquica no Brasil se afigurava arcaica; mas não a forma autoritária de governo. Ao contrário; eles subiram ao poder procurando (...) avivar no novo tipo de governo a autoridade do executivo ou o poder efetivo dos governantes, para que a causa do progresso condicionado pela ordem não fosse sacrificada ao perigo do progresso desordenado; nem a da ação refletida à do verbo irresponsável". (p.17) Neste exemplo, a noção de *autoridade* parece ter caráter decisivo; é ela que permite a ligação entre um momento instaurador, de progresso e combate ao arcaísmo, e um elemento pré-existente (a autoridade monárquica) capaz de evitar a demasia, o descontrole, a rutura.

A ordem é, portanto, indispensável à manutenção do progresso; o progresso é uma evolução da razão que não deve abrir mão desta para triunfar. O progresso, nesse sentido, é uma *superação relativa*: enfrenta o que é arcaico, no presente, para edificar o futuro. Ou seja, não nega todo o passado (apenas o que dele ficou no presente: o arcaico) e procura rearranjar elementos considerados úteis para a nova situação que se instaura na sociedade. Assim fazendo, observa o passado como *thesaurus* capaz de conter parcelas férteis para o presente (e,

pois, para – ao menos parcial ou potencialmente – o futuro).

Vale a pena ver como, para nosso Autor, a *continuidade histórica* pode se dar não apenas por um elemento analiticamente cernível, mas por uma poderosa rede cultural: "O 'coração íntimo' do brasileiro da época que se seguiu à proclamação da República, se examinado de perto (...) haveria de mostrar (...) que existia entre a gente do Brasil, do Norte ao Sul do País, uma unidade nacional já tão forte, quanto às crenças, aos costumes, aos sentimentos, aos jogos, aos brinquedos dessa mesma gente, quase toda ela de formação patriarcal, católica e ibérica (...) que não seria com a simples e superficial mudança de regímen político, que aquele conjunto de valores e de constantes de repente se desmancharia". (p.CLXVII)

A cultura brasileira já tem, àquele ponto, uma espessura trazida pela unidade nacional que alcançara, fruto espacial de uma duração temporal capaz de afirmá-la. E dela fazer algo determinante historicamente; sua profundidade contrasta – e domina – variações epidérmicas, como a da mudança do regime político do país no final do século XIX. Esta cultura profunda é tão central e indispensável à vida histórica quanto o coração é para o corpo – e para a alma – de todos nós.

Notas

¹ Versão parcial deste texto foi apresentada no Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos, promovido pela Fundação Gilberto Freyre, em 10/3/2000, no Recife.

² FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República. 3.ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1974.

* Luiz Felipe Baêta Neves é Pós-doutor pela Universidade de Paris V – Sorbonne, Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e Professor na UERJ e na UFRJ.